

ÁRVORE GENEALÓGICA DAS FAMÍLIAS BURLE E DUBEUX NO BRASIL

Deve-se principalmente ao Desembargador Arthur Quadros Collares Moreira, casado com Isabel Petronilla Dubeux (Tia Bela), ambos falecidos, a diligente e oportuna composição da Árvore Genealógica dos Burle e Dubeux no Brasil. Por longos anos, coligiu dados minuciosos de casamentos, nascimentos e óbitos, no esforço de preparar a base fundamental de sua iniciativa. A documentação passou à filha Heloisa Dubeux Moreira Cantanhede, fiel sucessora na perseverante e devotada homenagem aos nossos ancestrais e colaterais, exemplo e estímulo aos irmãos de hoje e do porvir.

Cumpra salientar a contribuição de Lucy Isaline Clarkson (Lucinha) que, em Pernambuco, também investigou o assunto, organizando lista de grande valia genealógica.

Minha tarefa limitou-se à ordem de apontamentos e sua exposição esquemática em forma mais clara e pormenorizada possível, conhecimentos, esses, irrecuperáveis, se relegados à tradição.

Consanguíneos e afins que, de relance, passarem os olhos no aglomerado de nomes, e apelidos, e datas no tronco, ramos e ramagens da Árvore, lembrarão eras talvez longínquas, felizes ou sombrias, assim mesmo vívidas e indeléveis, traçadas pela Divina Providência. Por mim, desde os alvôres do entendimento, ouvi e guardei inesquecível e repetido relato de minha mãe: Seu pai morrerá moço, repentinamente, deixando a jovem viúva e casal de crianças em dura pobreza. Tio Phil (Phillip Frith Needham), então comerciante prospero no Recife, acolheu em seu lar a cunhada, e se encarregou de custear a criação e educação esmerada dos órfãos. Nely, em condições rigorosamente iguais às primas (gêmeas) Zepa e Zica, e Philipp como seu primo Joseph, frequentaram os melhores internatos da Inglaterra, sustentados pelo casal Dubeux Needham. E, com que emoção de menino, relembro têr conhecido, três lustros após, em Apipucos, tão generosos benfeitores nossos em franca adversidade financeira, envelhecidos e enfermos!



"Minha neta, dá-me tua neta". Maria Joaquina Burle tendo ao colo sua trineta Christina. Sentada, sua filha Josephina Burle Dubeux. De pé, da esquerda para direita, sua bisneta Helena Dubeux Vaughan Bandeira, e, a seu lado, Maria Augusta Dubeux Vaughan, neta de Maria Joaquina. Em 1887.

José Emanuel. A foto reproduzida na Árvore apresenta-o já idoso, dos 75 para 80 anos. A arte fotográfica no Recife estabeleceu-se aproximadamente em 1850.

Há omissões involuntárias. Abrangendo mais de 150 anos, foi difícil reconstituir o passado na completação desejada. Não faltarão outros Arthur Quadros Collares Moreira, empenhados em exaltar a memória das cinco mulheres da fotografia tradicional aqui reproduzida: — “Minha neta”, edificante cumprimento dos augúrios litúrgicos no matrimônio José Emanuel Burle — Maria Joaquina: — “...ut videatis filios filiorum vestrorum usque ad tertiam et quartam generationem, et postea vitam aeternam habeatis sine fine”. (Da Missa pro Sponso et Sponsa). “...para que vejais os filhos de vossos filhos até a terceira e quarta geração, e depois gozeis da vida bem-aventurada”.

Christina recém-nascida, no colo de sua trisavó, consagrar-se-ia totalmente a Deus, aos 21 anos, primeira religiosa brasileira do Sacré Coeur de Jésus, e abriria o ciclo promissor de vocações na família Burle Dubeux. Seu nome, expressivo, ora ressurge com frequência na infância que desponta do mesmo sangue.

À sombra da Cruz integrante desta Árvore — vasto ossário simbólico e cristão — repousam nominalmente tantos mortos queridos, e se abrigam descendências consecutivas que devem se orgulhar de suas origens, sem pretensões heráldicas, mas honradas e dignas por todos os títulos. “...in praesidio Altissimi, sub umbra Omnipotentis...” “...sob a proteção do Altíssimo, à sombra do Onipotente”. (Sl. 90).

ESBÔÇO HISTÓRICO DO TRONCO INICIAL MARIA JOAQUINA — JOSÉ EMANUEL BURLE

Maria Joaquina (apelidada Minhavó), casada com José Emanuel Burle (Dindinho), nascida em 1810, e falecida em 1893, era brasileira nata, segundo todas as tradições na família, e confirmação categórica de seus netos e netas, algumas ainda vivas, e que a conheceram. Conforme também reiteradas e fundadas notícias, descendia da família Wanderley, numerosa em Pernambuco, e sub-dividida em ramos que ora se espalham pelo Brasil. Todas as pesquisas até agora falharam para a apuração exata de quem eram seus pais e avós. Possuía, entre outras irmãs, Maria (Tia Dondon), casada com o francês Navarre, industrial e capitalista assinalado nas crônicas da época (1840-46). Um de seus empreendimentos foi restaurar antigo engenho de açúcar em Apipucos, cuja existência datava dos fins do século XVI, destruído pelos holandeses, e depois reconstruído, com sua Capela. O casal passou a residir na França, bem provido de recursos. De lá, ao casamento de sua sobrinha Tia Quinquina (1863 ou 64), enviou-lhe valioso presente.

José Emanuel Burle, de Marselha, não se sabe como, e em que época teria chegado ao Brasil. Casado com Maria Joaquina (1824 ou 25) — esta com 14 para 15 anos — em 1826 nascia-lhe em Apipucos o primogênito

Os documentos emigratórios oficiais nos primórdios do século XIX, quando ainda não havia identificação dactiloscópica, muito menos fotográfica, merecem limitada confiança. Até mesmo cem anos após, qualquer indivíduo, nacional ou estrangeiro, podia entrar e sair do Brasil sob simples alegação de nacionalidade, e declinação de nome e sobrenome que quisesse. No exterior, em geral, também vigoravam as mesmas facilidades. Da grande multidão viajada às pressas com D. João VI, apenas ha registros nominais de 2.000 pessoas, enquanto vieram mais de 15.000, dos fâmulos aos cortesãos.

Encontram-se no Arquivo Nacional os autos do inventário de Eduardo Alexandre Burle, falecido em 1892, no Rio de Janeiro. A freguezia de seu nascimento foi a do Pôço da Panela, à qual, naquele tempo, pertencia Apipucos. Os Burle e Dubeux lá nasceram, sempre residiram, e construíram suas casas, algumas existentes até agora.

O nome original poderia ter sido Burlet, ou Burley, ou Burlcigh. José Emanuel Burle principiou sua vida como pequeno industrial de panificação. Pessoalmente deveria ter recursos trazidos de seu país, aos quais se juntariam haveres de sua esposa Maria Joaquina. A outra irmã, Maria Navarre, sempre foi conhecida como pessoa abastada. O patrimônio dos Burle desenvolveu-se no comércio. Em 1875, sob a razão social de E. A. Burle & Cia., existia, conforme almanaques desse ano, importante casa de Eduardo Alexandre, na rua Bom Jesus, 48. Outra firma H. Burle & Cia., de Henrique Burle, à rua Marquez de Olinda, em 1881, girava com o gênero atacadista, comissões e consignações até quando seu chefe veio a falecer em Paris, onde, havia muito, passara a residir. Anúncios na imprensa, no começo deste século, referem-se a Burle & Cia., negociantes de açúcar, rua do Comércio, 47 e 49.

Dos sete filhos do casal Maria Joaquina — José Emanuel Burle, a filha igualmente chamada Maria Joaquina (Tia Maroca) casou-se com Candido Pereira Monteiro, da povoação ou cercanias de Serra Negra, Rio Grande do Norte, tendo tido 22 filhos, sendo Adolfo o mais moço. Esse ramo numeroso, por deficiência de informes, exige continuadas pesquisas para localização de todos os seus descendentes.

Entre as três filhas de Lindolfo Burle, sabemos que Martha, nos últimos anos de vida de sua avó Maria Joaquina, foi-lhe dedicadíssima companheira. Residiam num sobrado à rua do Imperador, onde Maria Joaquina faleceu em 1893.

Não ha notícias se Antonieta, Alzira, Alayde e Helena, filhas de Martha, deixaram descendência.

Oxalá, gradualmente, no intuito de conseguir-se o levantamento exato das origens de José Emanuel Burle — Maria Joaquina, prossigam as indagações nos assentamentos da freguezia do Pôço da Panela, nos arquivos públicos de Pernambuco, nos lançamentos dos cemitérios do Recife, nos documentos em cartórios, à busca de elementos informativos que reconstituam melhor sua história preciosa para todos nós.

CLAUDIO DUBEUX

Nasceu em Portugal, de pais franceses, a 19-2-1806, falecendo em Apicacos a 13-2-1881.

De conformidade com anotações de seu filho Cláudio Burle Dubeux, por este legadas a Cláudio Leão Dubeux (neto do primeiro), a pátria de seus antepassados foi a antiga Província de Borgonha, França (antes de 789), de onde, com a Revolução Francesa, tiveram que emigrar para Portugal. Entre outros, os irmãos Cláudio e Alberto Dubeux. Cláudio estabeleceu-se com livraria em Lisboa. Alberto montou negócio no Porto.

Quando da invasão de Portugal pelas hostes napoleônicas (1808), Cláudio, filho mais velho do francês de igual nome, viajou em companhia dos seus, fugitivos, para o Brasil. Tinha então dois anos, e foi, 3 anos mais tarde, no casamento com Josefina Burle (esta com 14 anos completos) o fundador do ramo Dubeux brasileiro, de 21 filhos, 14 attingindo idade adulta. Antes consorciara-se com senhora da família Mafra, vivendo sem descendência.

Os parentes de Cláudio Dubeux retornaram, anos após, a Portugal e

dos tempos, armarem-se conjecturas em torno do nível intelectual e cultural dos primitivos Dubeux. Na terra natal, eram da média burguezia. Comerciantes de certo grau de instrução, sem dúvida com patrimônio e, por isso, incursos no índice do Terror, tiveram que emigrar, como centenas de milhares de compatriotas, para salvar vidas e valores transportáveis. Conforme tradição, os Dubeux teriam sido Du Beaux, relacionados com os nobres de um Marquesado de Baune (?), talvez Baux, cujo sobrenome trataram de modificar na contingência revolucionária, como, aliás, muito ocorreu nas eras de grandes migrações por calamidades políticas. Ha opiniões de que os Dubeux teriam sido do Avinhão.

Cláudio Dubeux envolveu-se no Recife em várias empresas, desde o negócio de livros, importação e exportação, comércio de pólvora, à pequena indústria, e à fundação de uma linha de ônibus à tração animal, uma das primeiras, no gênero, em Pernambuco, e que funcionou de 1854 a 66, até o advento do trem que chamavam de Maxambomba, inaugurado nesse ano, e, afinal, substituído pelo bonde elétrico em 1916.

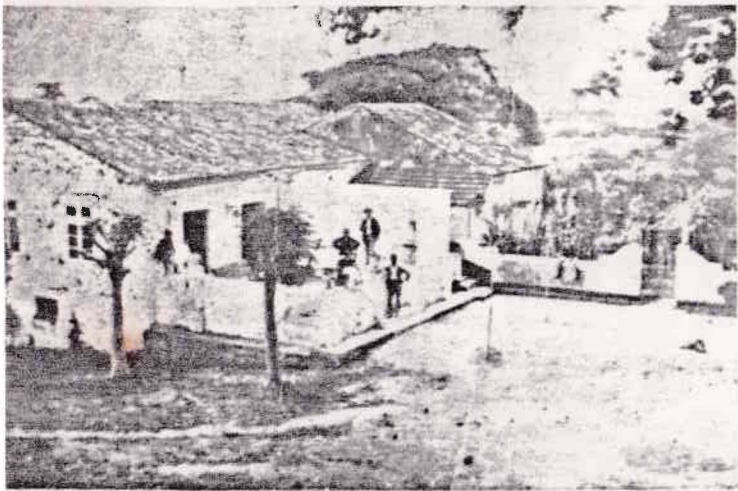


FILHOS DE CLAUDIO DUBEUX — JOSEPHINA BURLE DUBEUX

5 homens: Sentados, da esquerda para a direita, Cazuzinha, Sinhôsinho e Eduardinho.

De pé, da esquerda para a direita, Totonio e Lula.

rança. No Arquivo Nacional, col. 422 — 3 fls. 154, consta a viagem de São Antonio Dubeux, natural de Lisboa (sic), 44 anos, partindo para Havre em 17 de Julho de 1821. Cláudio Leão Dubeux conheceu pessoalmente, em Paris, Alberto Dubeux e Marta Sainte-Beuve, primos irmãos e seu pai Cláudio Burle Dubeux, assim como outra prima, Maria Gertrudes, casada em Portugal com o francês Théodore Martin, proprietário de uma quinta na Província de Estremadura, distrito de Alenquer, então, conhecida como "Quinta de Santa Teresa". Outro primo, Alberto, casou-se na família de Thiers, tendo um filho Charles, oficial de cavalaria do Exército francês. Martha, que se casou com o General Sainte-Beuve, teve um casal de filhos, Jean, também militar, e Edmée, todos eles conhecidos essencialmente por Cláudio Leão Dubeux. Tanto este, como Laura Dubeux (Tia Lólo) frequentaram a propriedade de Théodore Martin, na Estremadura, e é pena têr-se perdido contato com todos os Dubeux europeus.



Primitiva residência do casal Navarre (1840-46), depois moradia de Cláudio Dubeux — Josephina Burle Dubeux

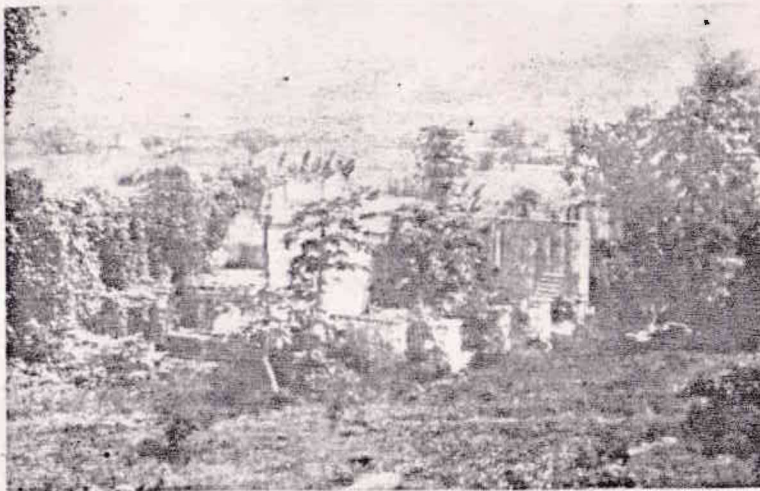
É indubitável a nacionalidade portuguesa do velho Cláudio Dubeux, fundador de nossa família no Brasil. Assim o afirmavam seus filhos e netos. Cláudio Burle Dubeux (Tio Sinhôsinho), a todos que o conhecessem, denunciava, com leve sotaque luso, e a correta expressão vernacular, origem e formação lusitana.

Cumprе assinalar, nesta oportunidade, um Louis Dubeux, citado com inúmeras e encômios nas Enciclopédias Larousse e Portugal Ilustrado, como orientalista francês, nascido em Lisboa (sic) em 1798, e falecido em Paris em 1863. Foi professor de turco na Escola de Línguas orientais, ensinou hebraico no Colégio de França, autor de compêndios especializados. Nosso antepassado Cláudio Dubeux era, ao menos, primo irmão desse notável intelectual Louis Dubeux. Por isso, ha fortes razões para, na penumbra

9 mulheres com sua mãe; Josephina Burle Dubeux, ao centro. Em pé, da esquerda para a direita, Yayá, Chiquinha, Bela, Loló e Milu. Sentadas, da esquerda para a direita, Calu, Quinquina - Josephina (mãe) - Marieta e Susu

Redigidas sob modestas iniciais L.I.C. (Lucinha) e editadas pelo Arquivo Público Estadual de Pernambuco, 1956, "Notas sobre a Capela dos Apipucos", entre outras datas memoráveis, divulgam: — "Mary Lorimer, filha de Joaquina Needham, doou, para ser entregue após sua morte, a propriedade constando de casa e terrenos da rua Aliança, 26, aos Revmos. PP. Lazaristas, que fixaram residência em Apipucos, e assim inúmeros benefícios vêm prestando a sua população".

Cumprе ressaltar a profunda expressão sentimental desse legado perante os descendentes da família Burle Dubeux. Da casa do francês Navarre, consorciado, como já vimos, com a irmã de Maria Joaquina, berço provável e originário da família desta, restam poucas e vetustas paredes. Embora se saiba que José Emanuel Burle e esposa tivessem também residido no centro urbano do Recife, seus filhos vieram ao mundo em Apipucos. O casal Josefina Burle-Cláudio Dubeux sempre viveu naquela casa, onde nasceram seus 21 filhos, e onde ambos morreram, respectiva-



Ruínas da casa de Cláudio Dubeux — Josephina Burle Dubeux, possivelmente o berço natal de Maria Joaquina Burle

mente em 1881 e 1898. Ao lado, guarda suas linhas sóbrias e antigas o prédio n.º 26 da rua Aliança, o lar acolhedor e benfazejo de Philipp Frith Needham — Joaquina Gertrudes Burle Dubeux. Melhor não poderia ser o destino desses bens, domicílio abençoado e secular de numerosa família cristã. Deus conserve Mary Lorimer por muitos anos de plena saúde, modelo de fé construtiva, e personificação da caridade evangélica. Saibam os legatários preservar em consciência religiosa aquelas poucas ruínas tão caras para todos nós, e aproveitar, no futuro, a mansão e terrenos de Tios Phil e Quinquina vinculados às obras sociais e educacionais da Igreja, in memoriam de Mary e de seus antepassados.

Rio, Maio de 1957.

MUNDICO